

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO

8 DE ABRIL DE 2022

PASOLINI / 2014

Um filme de Abel Ferrara

Realização: Abel Ferrara / Argumento: Maurizio Braucci, de acordo com a ideia de Abel Ferrara e Nicola Tranquilino / Direção de fotografia: Stefano Falivene / Montagem: Fabio Nunziata / Direção de Arte: Amenah Monem / Figurinos: Rossano Marchi / Som: Silvia Moraes / Música: Roberto Murolo, Gioachino Rossini (*Una Voce Povo Fa*, da ópera *Il Barbiere di Siviglia*, com performance de Maria Callas) / Interpretação: Willem Dafoe (Pier Paolo Pasolini), Ninetto Davoli (Epifanio), Riccardo Scamarcio (Ninetto Davoli), Valerio Mastandrea (Nico Naldini), Giada Colagrande (Graziella Chiarcossi), Maria de Medeiros (Laura Betti), Adriana Asti (Susanna Pasolini), Francesco Siciliano (Furio Colombo)

Produção: Capricci Films, Urani S.r.l, Tarantula, Dublin Films / Produtores: Conchita Airoidi, Fabio Massimo Cacciatori, Thierry Lounas, Joseph Rouschop / Cópia: dcp, cor, com legendas em português / Duração: 84 min / Estreia Internacional: Itália, Festival de Veneza, 4 de Setembro de 2014 / Estreia Nacional: Lisbon & Estoril Film Festival, 9 de Novembro de 2014 / Primeira Exibição na Cinemateca

O desafio de fazer um filme autobiográfico de alguém que, como Pier Paolo Pasolini, deixou uma marca tão polemicamente profunda na prática e no pensamento do cinema moderno nunca deixa de ser arriscado. Pasolini deixou uma das mais icónicas e diversificadas obras, dotada de uma capacidade de reinvenção filosófica e política que está patente na progressão estilística dos seus filmes. A sua obra está, também, inevitavelmente ligada ao seu implacável assassinato, no dia 2 de Novembro de 1975 numa praia de Óstia, do qual os detalhes são ainda em parte desconhecidos. A sua morte pode ser considerada como uma das mais místicas da história do cinema, um evento que adquiriu contornos simbólicos que questionam os limites entre o papel da arte e a intolerância da sociedade.

Torna-se evidente, ao longo do filme, que apesar de parecer um encontro improvável, Ferrara encontra em Pasolini traços de personalidade e predisposições comuns. Um primeiro exemplo é o interesse pela radicalidade e pela marginalidade na exploração da decadência humana que, ainda que de forma generalista liga Ferrara a SALÒ (1976), única obra de Pasolini mostrada nesta autobiografia, suscitada pela primeira entrevista abordada no filme, em que professa o direito de “escandalizar”, contra os “moralistas”.

PASOLINI surge na carreira de Ferrara numa época de confronto consigo mesmo, depois de ter mudado para Itália, onde admite ter uma muito maior liberdade tanto na produção

como na concepção dos seus filmes, e numa fase de transformação e consciencialização da sua obra, através de uma nova fórmula temática e narrativa, apoiada numa visão autoconsciente do artista, e da criação artística na iminência da catástrofe. Situando-se, entre 4:44 LAST DAY ON EARTH (2011), com o qual partilha semelhanças evidentes, tratando-se da história de um artista que se revê na sua obra um dia antes do fim do mundo, e TOMMASO (2019), filme de tons autobiográficos, que explora a vida atormentada de um realizador entre o seu trabalho, a família, e uma história de drogas e álcool, PASOLINI centra-se tema é o da criação artística na iminência da morte e do vazio, um grupo de filmes em que o realizador aborda a relação do autor entre a vida e a obra. É, portanto, um desafio que Ferrara encara de um modo extremamente pessoal. Veste Pasolini, ou, por outras palavras, apropria-se da leitura que dele faz, repensando os valores e as pertinências da criação artística na sua obra e na sociedade.

Todo o filme é ao mesmo tempo um prenúncio de morte e uma exploração política da transcendência da arte. As imagens de SALÒ surgem como um fim e uma oportunidade de avançar para algo mais essencial, para uma busca espiritual pela imanência da obra no mundo e no seu criador. Como tal Ferrara recorre não às obras concluídas Pasolini, mas aos seus projetos inacabados, desenhando uma linha que parte do presente para um futuro perdido. Na interpenetração do último dia do realizador com a tradução imagética do seu megalómano livro, de 1700 páginas, *Petróleo* e de partes do argumento inacabado de *Porno Teo Kolossal*, Ferrara faz uma montagem das relações, ações e pensamentos mais distintivos e por vezes paradoxais que constroem uma ideia da personalidade de Pasolini centrada numa prática fundada principalmente na ação, demonstrando uma essência comum em todos os planos da sua vida. O seu amor pela família e principalmente pela mãe, o seu fascínio pelas classes populares e pela marginalidade do *underground* romano, assim como o fanatismo confesso pelo futebol, são mostrados a par com narrativas nas quais todas as personagens adicionam mais uma peça na figura de um homem cuja vontade parece ser livre de quaisquer convenções sociais. À medida que o pensamento de Pasolini se desenvolve no sentido de uma transcendência estética e ética, o mundo em à sua volta torna-se mais violento, culminando num pensamento paralelo sobre a brutalidade da sua morte e a eternidade da arte.

Manuel João Montenegro